

ESTELAS MEDIEVAIS DA IGREJA MATRIZ DO ROSMANINHAL

Medieval Steles from the Mother Church of Rosmaninhal

Mário Lobato Chambino¹



Palavras-chave: estelas funerárias, cemitério, adro, igreja, Rosmaninhal (Idanha-a-Nova)

Key words: funerary steles, cemetery, churchyard, church, Rosmaninhal (Idanha-a-Nova)

¹ Licenciado em História. Membro da Associação de Estudos do Alto Tejo.

Resumo

Pretende-se com este trabalho dar a conhecer um conjunto de doze estelas provenientes do cemitério medieval que teria existido no adro da Igreja Matriz do Rosmaninhal (concelho de Idanha-a-Nova). Aproveita-se a oportunidade para dar a conhecer uma tampa tumular que se encontra guardada juntamente com parte daquelas estelas na citada igreja e uma estela em xisto existente *in situ* e que assinala o local da morte de um adolescente.

Seis destas estelas estavam intactas e encontravam-se guardadas numa arrecadação da Igreja Matriz do Rosmaninhal, de onde desapareceram misteriosamente. As outras seis encontram-se actualmente na mesma arrecadação.

Embora estas últimas não estejam inéditas, encontravam-se escassamente divulgadas. Através deste estudo pretende-se contribuir para um melhor conhecimento desta temática no concelho de Idanha-a-Nova.

Abstract²

It is intended with this work to present a group of twelve steles coming from the medieval cemetery that would have existed at the churchyard of Mother Church of Rosmaninhal (municipality of Idanha-a-Nova). It is also taken the opportunity to give to know a tomb cover which is found kept together with part of the steles at the mentioned church and also a schist stele *in situ* that marks the place of an adolescent death.

Six of these steles were intact and were found kept on a deposit of the Mother Church of Rosmaninhal from where mysteriously disappeared. The other six are kept on the same deposit.

Although these last ones are not novel, they were barely divulged. With this study it is intended to contribute for a better knowledge of this thematic on the Idanha-a-Nova municipality.

² Tradução de Hugo Cortez.

Introdução

Numa definição genérica, estela significa um pilar, coluna ou laje fincada no solo com inscrição escrita ou figurativa comemorativa de determinado evento.

A estela funerária corresponde a marco sinalizador de uma circunstância, o enterramento, e era colocada na cabeceira das sepulturas num espaço próprio, o cemitério, conhecendo-se várias centenas de exemplares um pouco por todo o país.

Neste trabalho estela ou cabeceira de sepultura têm o mesmo significado.

Esculpidas em pedra, as estelas podem apresentar diversas formas, no entanto a maioria eram constituídas por uma parte superior em forma de disco, assente num espigão que era enterrado de forma a fixá-las ao solo. Eram em geral decoradas, numa ou ambas as faces, predominando os símbolos religiosos, mas podendo conter também iconografia de diversa natureza (profissional, geométrica, vegetais, etc.).

“Foram as crenças e os ritos funerários do homem, crendo na vida após morte, cumprindo aos vivos prever a tudo o que é necessário ao bem-estar do defunto na outra vida, que levou a colocarem uma ou mais imagens para indicar o sítio do enterramento, a fim de que a sombra do finado encontra-se na sua imagem a necessária residência e deixa-se os vivos em paz. No fundo, o receio de que os espíritos dos mortos fizessem mal aos vivos” (CHAMBINO, 2000: 48).

Tudo isto determinou o aparecimento das estátuas funerárias.

E. Frankowski (1920) afirma que as estelas discóides derivam das estátuas-menir neolíticas ou da Idade do Bronze.

As estelas são representações antropomórficas estilizadas, em que o disco corresponde à cabeça e o pé ao corpo. No princípio os caracteres antropomórficos eram mais perceptíveis, tendo o disco gravado os olhos, o nariz e a boca enquanto o corpo indicava o pescoço, os ombros e por vezes adornos.

Com o decorrer dos tempos, os caracteres fisionómicos foram-se estilizando e sendo substituídos por caracteres geométricos. No disco aparecem agora gravados, quer objectos usados pelo defunto enquanto vivo, o que nos indica qual era a sua profissão, quer estilizações espontâneas ou locais, podendo estas obedecer na maioria dos casos ao sentimento artístico do fabricante.

As peças aqui apresentadas foram fabricadas por canteiros especializados e o material usado foi na totalidade o granito, não existente na zona, o que de certa forma encareceria a sua aquisição, de difícil acesso à maioria das pessoas que provavelmente seriam sepultadas sem este tipo de monumento.

Embora as mesmas não tenham sido encontradas *in situ*, não temos dúvidas que pertenciam ao antigo cemitério medieval existente no adro da Igreja Matriz.

Este conjunto de 12 estelas, por razões que seguidamente se explicam, será dividido em duas colecções, ambas constituídas por seis estelas.

ESTELAS MEDIEVAIS DA IGREJA MATRIZ DO ROSMANINHAL

Mário Lobato Chambino

A primeira colecção de seis estelas, teria aparecido aquando das obras efectuadas no adro e na Igreja em 1956, tendo sido guardadas na arrecadação da mesma.

Esta colecção foi inventariada pelo GEPA (Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas do Rosmaninhal) em 1975, tendo-se na altura apenas procedido ao desenho das mesmas (esboço simples sem escala) e neste momento estão desaparecidas.

A segunda colecção, também de seis estelas, encontra-se na mesma arrecadação donde as primeiras misteriosamente desapareceram.



Figura 1. Estelas funerárias da Igreja Matriz do Rosmaninhal, colecção 2 (foto do autor).

Enquanto as primeiras se encontravam intactas as segundas estavam todas incompletas.

Presume-se que numa qualquer intervenção no adro da Igreja, provavelmente na altura da abertura da rampa e do portão de acesso à ampliação do cemitério para Este, teriam sido encontradas mais estelas e alguém conhecedor da existência das estelas guardadas na arrecadação e com acesso à mesma, as teria trocado.

Apresenta-se também neste trabalho uma estela em xisto, do séc. XX, sinalizadora do local onde ocorreu uma morte trágica.

Regista-se ainda, por se encontrar junto com as estelas, uma tampa proveniente da sepultura que existia na parede da Capela de Nossa Senhora dos Remédios da Igreja Matriz.

1. Enquadramento

A povoação do Rosmaninhal situa-se num relevo com altitude de 365 metros, na parte central da freguesia.

Rosmaninhal lidera a maior freguesia do concelho de Idanha-a-Nova, em área, e uma das maiores de Portugal, ocupando uma área total de 26.590 hectares no canto SE do distrito de Castelo Branco, fronteira com Espanha em cerca de metade do seu território.

O Rosmaninhal e outras povoações da Raia assim como toda a região entre o Zêzere e o Erges pertenciam já aos Cristãos no tempo de D. Teresa, embora desde há muito tempo despovoada.



Figura 2. Localização do Rosmaninhal (Google Earth)

Em 1165 D. Afonso Henriques doou Idanha-a-Velha e Monsanto, com o vasto território atrás mencionado, a Gualdim Pais, 6º Mestre da Ordem do Templários, para que a povoasse.

É no entanto no reinado de D. Sancho I com a doação de Idanha a D. Lopo que a obra do repovoamento toma consistência.

Este D. Lopo foi o imediato sucessor de Gualdim Pais no mestrado da Ordem, e além da doação da Idanha recebeu também a doação da Açafa em 1199. Esta nova doação dá origem a um enorme território que vai desde o termo de Idanha até Belver.

D. Dinis, depois de forte demanda contra a Ordem do Templo, conseguiu que todos os bens desta Ordem fossem adjudicados à Coroa e em 1319 tornou a cedê-los à Ordem de Cristo, por si fundada. Assim o Rosmaninhal passa a pertencer à nova ordem religiosa e eram seus comendadores e alcaides-mor os Marqueses de Fronteira e Alorna.

Sobre a alçada da Ordem de Cristo o Rosmaninhal inicia novo período de ascensão que lhe vai valer, no dia 1 de Junho de 1510, no reinado de D. Manuel I, o seu primeiro e único foral conhecido.

O Rosmaninhal continua a partir desta data à frente de um florescente concelho durante 326 anos, desde 1510 até 1836, ano em que o Concelho de Rosmaninhal é abolido sendo integrado no de Salvaterra do Extremo. Em 1855 o Concelho de Salvaterra é também abolido e tanto Salvaterra como o Rosmaninhal passam para o Concelho de Idanha-a-Nova.

A sua Igreja Matriz é um amplo templo de três naves com a entrada principal virada para Poente e capela-mor para Nascente (Oriente).

Junto da entrada principal ao estilo maneirista, do lado direito, possui campanário com três ventanas e três sinos, tendo na parte superior uma inscrição alusiva à sua construção (1733) e ao centro uma pedra de armas com coroa e esfera armilar.



Figura 3. Igreja Matriz do Rosmaninhal (foto de Miguel Jacinto)

Fica situada na parte mais alta da povoação rodeada de amplo adro (antiga barbacã) junto do Castelo que foi transformado em cemitério em 1845.

A criação dos cemitérios paroquiais teve origem na proibição dos enterramentos dentro dos templos, por ser anti-higiénico, pelo ministro Costa Cabral através de Decreto de 21 de Setembro de 1835.

Não se sabe ao certo a data de construção da Igreja Matriz, a primeira referência conhecida data de 1321, aquando duma averiguação de rendas mandada fazer pelo Papa.

Sabemos no entanto através de um documento de 1307 feito pelo Bispo Egitanense, D. Vasco Martins, que o Rosmaninhal pertencia aos Templários e que foi um dos seus frades que o povoou³. O Castelo terá sido construído nessa altura e provavelmente teria também surgido a Igreja dentro do Castelo.

³ Este documento serviu como acção contra os mestres e cavaleiros do Templo, por causa da jurisdição das vilas de Idanha-a-Velha e Salvaterra e dos Castelos de Rosmaninhal, Segura e Proença, apresentado para prova que Idanha-a-Velha e respectivo concelho não pertencia aos Templários, uma doação que D. Sancho II tinha feito ao Bispo D. Vicente, seu antecessor.

ESTELAS MEDIEVAIS DA IGREJA MATRIZ DO ROSMANINHAL

Mário Lobato Chambino



Figura 4. Localização da Igreja Matriz e do Cemitério (fonte: Google Earth)

Este documento aparece transcrito em um outro que D. Dinis mandou lavrar na Guarda, em 27 de Abril de 1307, com o fim de o incluir no processo contra a Ordem do Templo e dizia:

“... Quando o Rei D. Sancho II vosso tio povoou a cidade de Idanha a Velha (foral de 1229) e lhe tivesse dado termo demarcado por certos marcos, dentro desses marcos do termo de Idanha o mestre D. Pedro Alvarez sem consentimento do Concelho de Idanha a Velha tivesse povoado Proença e que D. Stevam Beumeten frade dessa Ordem tivesse povoado o Rosmaninhal dentro dos marcos do termo de Idanha a Velha e tenham agora os frades os dois lugares contra a

vontade do Concelho de Idanha-a-Velha cujos devem ser e devem servir e fazer reverência como aldeias à sua cidade onde têm termo e foro. Pedimos por mercê que julgueis na cidade de Idanha a Velha, Proença e Rosmaninhal por suas aldeias pois estão em seu termo segundo o que parece por ser termo de Idanha a Velha.”

Depois de 1321 só no tombo da Comenda da Ordem de Cristo de 1505 se encontra nova referência.

“... Tem primeiramene ha ditto villa do Rosmaninhal huma egra da povoação de nossa Snra da qual largamente se trata no processo das visitações, na visitaço da dita egra y se fez quando este tombo se mandou fazer ...”

Este processo, aqui mencionado, não aparece na Torre do Tombo, assim como não aparecem muitos outros que, ao que parece, lamentavelmente, desapareceram.

No tombo de 1678 existe nova referência à Igreja Matriz, donde se destaca a parte respeitante à capela lateral (Capela de N. Sra. dos Remédios ou Capela das Chuças).

“... e que o Comendador tinha o seu cemitério na capela maior e se podia acentar nela em cadeira de paldas a qual capela ele juiz do tombo mandou logo medir e demarcar e se achou ter o chão quatro varas em quadra...”

O vigário Diogo Vaz no questionário feito ao reino em 1757 regista o seguinte:

“A parochia está no simo da villa e outeiro dentro de um forte do povo, contíguo a um forte del Rey, que tem suas pessas.”

“O orago de Nossa Sra. da Conceição tem dois altares colaterais, um das Chagas e outro do Rosário, tem quatro naves de cada parte, tem ermandade das almas, e uma capela particular do orago de Nossa Sra. dos Remédios com um arco para dentro da Igreja da parte esquerda.”

Do último tombo conhecido, de 1776, conseguimos coligir mais algumas notas com interesse para este estudo. Fala-nos este Tombo do altar-mor e da sua talha dourada e das medidas da capela-mor e sacristia não indicando as medidas do restante corpo da Igreja embora o mencione tal como menciona o adro.

Também o Dr. Jaime Lopes Dias, na obra Etnografia da Beira em 1963 faz referência à Igreja Matriz e à capela da Senhora dos Remédios, dizendo:

“... Na Igreja matriz há a capela da Senhora dos Remédios com altar em madeira (Renascença).

Tem sepultura na parede, com altar e inscrição ilegível por ter sido caiada.

Parece ter brasão. Ao centro um carneiro com uma bandeira.

Em volte do altar de Nossa Senhora do Rosário, no primeiro degrau, está gravada uma inscrição, extensa, do séc. XVII ou XVIII ...”



Figura 5. Altar e túmulo da Capela de N^a Sr.^a dos Remédios (foto do autor)

Foi várias vezes referido nos documentos consultados, o mau estado de conservação da Igreja Matriz. No entanto entre 1936 e 1956 a Igreja ruiu e esteve fora de culto, fazendo-se o mesmo na Capela do Espírito Santo.

No púlpito está gravada a data de 1724 e na porta principal estão gravadas as datas de 1745 e 1956. Todas elas se devem referir a reconstruções.

Provavelmente em 1956 foi quando a Igreja e o Adro sofreram a maior intervenção que veio a alterar de forma irreversível o antigo aspecto da Igreja e da área envolvente.

Foi retirado o antigo altar em talha dourada da Capela-mor e da capela de Nossa Senhora dos Remédios, tendo igualmente sido destruída a sepultura existente na parede com altar. Foi rasgada a muralha para dar origem à rampa de acesso ao adro e ao cemitério e fechada a antiga porta de acesso ao cemitério que ostentava a data de 1625 na base de uma Cruz em granito, certamente para ali transportada uma vez que esta data nunca se poderia referir ao cemitério. Foram também escorados os muros de xisto da Barbacã e do Castelo por pedra aparelhada de granito.

Há alguns anos atrás foi rasgada uma rampa na parte traseira da sacristia para abrir novo portão para um acrescento do cemitério para o lado Este e calçada toda a área do Adro com cubos de granito.

É um facto que a documentação referente à Igreja Matriz que fundamenta este trabalho é escassa; por certo haverá muito mais. Destes documentos, para o estudo das estelas aqui apresentadas, pouco podemos retirar. Do local ou locais de enterramento entre a fundação do Rosmaninhal até à construção do actual cemitério, na área do último reduto amuralhado do Castelo, em 1845, não existem quaisquer referências.

Através do apontamento do Jaime Lopes DIAS (1963), na Etnografia da Beira, apenas podemos saber da proveniência da pedra tumular aqui estudada, que seria sem sombra de dúvida a da sepultura existente na Capela de Nossa Senhora dos Remédios.

Temos também notícia oral de que na reconstrução da Igreja, em 1956, foi substituído o pavimento por lajes de granito e que teriam aparecido muitas ossadas humanas e moedas, prova da prática de enterramentos dentro do Templo.

2. Estudo e descrição das estelas discóides

A grande maioria tem forma discoidal e conservam espigão embora algumas se encontrem incompletas.

Têm decoração em ambas as faces, com excepção de uma estela que apresenta decoração em apenas uma das faces.

Quanto aos temas, o religioso é o mais citado sendo a cruz, como elemento principal ou secundário, o motivo maioritário na decoração das estelas.

Neste trabalho não se utiliza a designação anverso e reverso, uma vez que nenhuma foi encontrada *in situ*; em alternativa designam-se como face 1 e face 2.

2.1. Temas religiosos

A cruz mais representada é a cruz grega embora com várias variantes, de braços curvilíneos, de braços rectos e de pontas peltadas. A *cruz grega* é também designada por *cruz de braços curvilíneos* (Abel Viana, M. Gandra, Beleza Moreira), *cruz pátea* (M. Gandra), *orbicular* (Garrett), *espalmada de braços côncavos* (Félix Alves Pereira), de acordo com os autores citadas no trabalho de Ana Cristina OLIVEIRA (2003) e *cruz patada* (OLIVEIRA, 2003).

Esta foi a cruz adaptada pela Ordem dos Templários em meados do séc. XII, o que de certa forma se compreenderá devido à forte implantação desta Ordem na região, estando a Igreja e o adro dentro dum castelo templário.

“A Cruz aparece carregada de significado e é um dos símbolos mais documentados desde os tempos mais remotos. A Cruz simboliza a Terra e é a base de todos os símbolos de orientação (se tivermos em conta os pontos cardeais)... É a cruz que estrutura a planta dos Templos, que atravessa os campos e os cemitérios. A intersecção dos seus braços marca as encruzilhadas. A iconografia Cristã conotou a cruz com a imagem da crucificação de Cristo” (GUEDES & COSTA, 2003).

A *cruz gamada* é representada com braços iguais terminando os mesmos em ângulo recto. Tem no entanto uma variante muito frequente designada por *suástica*, constituída por numerosos raios, de forma sinuosa dando ideia de movimento contrário aos ponteiros do relógio (peça nº 3 da colecção 1).

2.2. Temas geométricos

Desta série encontra-se representada a *pentalfa* ou *estrela de cinco pontas* (peça nº 2, da colecção 1).

“A *estrela flamejante de cinco pontas* é o símbolo da manifestação central da luz, do centro místico, do foco do universo em expansão. Traçada entre a Terra e o Céu, representa o homem regenerado, radioso como a luz no meio das trevas do mundo profano...” (OLIVEIRA, 2003).

2.3. Temas vegetais

A *flor de seis pétalas* está representada em três casos (peça nº 6 da colecção 1 e peças nº 2 e nº 5 da colecção 2).

“As *rosetas, ou rosáceas de várias pétalas*, muito frequentes como motivos de bordados, decoração, amuletos, arquitectura no Médio Oriente, considerando-se como tendo especificamente um significado profilático contra o mau-olhado...” (segundo Chevalier & Gheerbant, 1982, citados em OLIVEIRA, 2003).

2.4. Outros Temas

É de estranhar a ausência nesta colecção de símbolos identificativos das profissões dos sepultados, a não ser o caso da estela nº 4, da colecção 1, onde José A. O. Henriques (CHAMBINO, 2000) vê uma ferradura, na face 2. Em nosso entender a figura aí representada é a letra ómega, significando neste contexto o fim da vida.

Alpha e *ómega* são, respectivamente, a primeira e a última letra do alfabeto grego. Em conotação figurada representam o início e o fim de algo. Na Bíblia, por exemplo, Deus é chamado de *alpha* e *ómega* por ser visto como o princípio e o fim de todas as coisas do ponto de vista cristão.

2.5. Técnicas decorativas

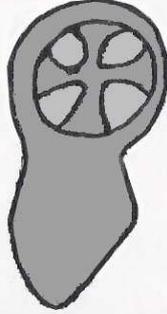
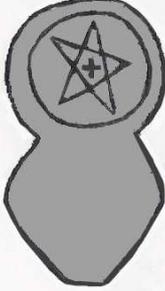
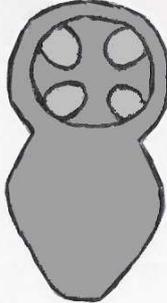
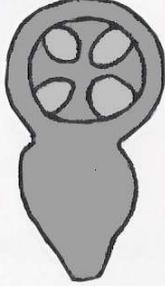
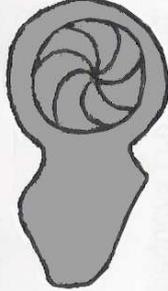
No conjunto de peças que se apresentam estão presentes as técnicas de *baixo-relevo*, *alto-relevo* e a decoração incisa, bem como a combinação destas diferentes técnicas. Frequentemente o campo decorado é circunscrito por uma cercadura ou por uma circunferência incisa.

Denota-se uma grande similitude dos temas representados com os de outras estelas referidas na bibliografia portuguesa e espanhola da especialidade⁴.

⁴ Ver em particular as actas dos congressos internacionais sobre estelas funerárias.

2.6. Catálogo

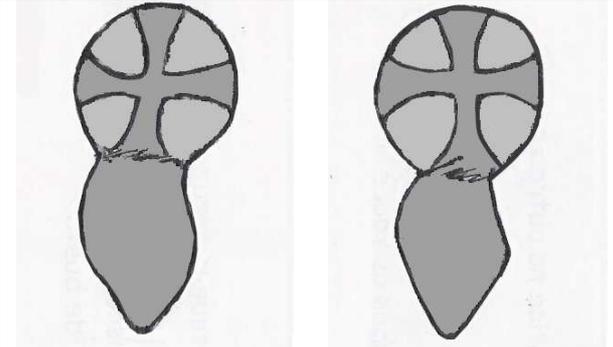
2.6.1. Colecção 1

<p>Estela nº 1</p> <p>Descrição: cabeceira de sepultura discoidal com espigão, em granito. Face 1: cruz grega de braços iguais em baixo-relevo. Face 2: cruz de braços curvilíneos em relevo delimitada por cercadura. Sem medidas.</p> <p>Bibliografia: CHAMBINO, 2000.</p>		
<p>Estela nº 2</p> <p>Descrição: cabeceira de sepultura discoidal com espigão, em granito. Face 1: pentalfa com o vértice virado para cima, tendo uma pequena cruz grega ao centro de braços rectos, delimitada por circunferência, sendo toda a decoração incisa. Face 2: cruz de braços curvilíneos em relevo delimitada por cercadura – pé com forma de busto. Sem medidas.</p> <p>Bibliografia: CHAMBINO, 2000.</p>		
<p>Estela nº 3</p> <p>Descrição: cabeceira de sepultura discoidal com espigão, em granito. Face 1: cruz de braços curvilíneos em relevo delimitada por cercadura. Face 2: suástica delimitada por circunferência sendo toda a decoração incisa. Se medidas.</p> <p>Bibliografia: CHAMBINO, 2000.</p>		
<p>Estela nº 4</p> <p>Descrição: cabeceira de sepultura discoidal com espigão, em granito. Face 1: cruz de braços iguais florenciada em relevo, delimitada por cercadura. Face 2: figura semelhante à letra grega ómega em relevo e no centro uma pequena cruz grega, delimitadas por cercadura. Sem medidas.</p> <p>Bibliografia: CHAMBINO, 2000.</p>		

Estela nº 5

Descrição: cabeceira de sepultura discoidal com espigão, em granito. Cruz de braços curvilíneos em ambas as faces, em relevo. Sem medidas.

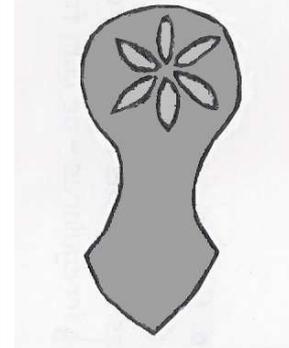
Bibliografia: CHAMBINO, 2000.



Estela nº 6

Descrição: cabeceira de sepultura discoidal com espigão, em granito. Gravada, apenas numa das faces, com uma roseta de seis pétalas em baixo relevo.

Bibliografia: CHAMBINO, 2000.



2.6.2. Colecção 2

Estela nº 1

Descrição: fragmento de cabeceira de sepultura discoidal em granito, apresentando uma pequena parte do espigão. **Face 1:** cruz de braços curvilíneos pouco acentuados, em relevo, delimitada por cercadura também em relevo, com ponto central. **Face 2:** círculos concêntricos incisos terminando num ponto central. **Medidas totais máximas:** altura: 0,38 m; largura: 0,35 m; espessura: 0,15 m; diâmetro do disco: 0,35 m.

Bibliografia: HENRIQUES, CANINAS & CHAMBINO, 1993.



Estela nº 2

Descrição: fragmento de cabeceira de sepultura discoidal em granito, apresentando uma pequena parte do espigão. **Face 1:** hexafólio em alto-relevo. **Face 2:** hexafólio em baixo-relevo, delimitado por cercadura. Lateralmente está decorada com um sulco até metade do disco pela parte superior onde no topo se cruza com outro sulco formando uma cruz. **Medidas totais máximas:** altura: 0,45 m; largura: 0,30 m; espessura: 0,13 m; diâmetro do disco: 0,38 m.

Bibliografia: HENRIQUES, CANINAS & CHAMBINO, 1993.



ESTELAS MEDIEVAIS DA IGREJA MATRIZ DO ROSMANINHAL

Mário Lobato Chambino

Estela nº 3

Descrição: fragmento de cabeceira quadrangular em granito, apresentando base aplanada. **Face 1:** cruz de braços curvilíneos em relevo com as pontas ligadas através de uma cercadura, delimitada por circunferência incisa. **Face 2:** cruz de braços curvilíneos em relevo, delimitada por cercadura. **Medidas totais máximas:** altura: 0,32 m; largura: 0,25 m; espessura: 0,14 m.

Bibliografia: HENRIQUES, CANINAS & CHAMBINO, 1993.



Estela nº 4

Descrição: fragmento de cabeceira de sepultura discoidal em granito. Apresenta fractura na parte inferior do disco, correspondente ao arranque do espigão. **Face 1:** cruz grega de braços rectos em baixo-relevo, delimitada por duas circunferências incisas. **Face 2:** cruz grega de braços rectos em baixo-relevo, delimitada por uma circunferência incisa. **Medidas totais máximas:** altura: 0,37 m; largura: 0,35 m; espessura: 0,20 m; diâmetro do disco: 0,37 m.

Bibliografia: HENRIQUES, CANINAS & CHAMBINO, 1993.



Estela nº 5

Descrição: fragmento de cabeceira de sepultura quadrangular, em granito. A parte inferior do hexafólio encontra-se lapidada. Esta estela pode ter sido reaproveitada de outra com forma discóide. **Face 1:** hexafólio em baixo-relevo, delimitado por semi-círculo inciso. **Face 2:** três sulcos longitudinais ligeiramente encurvados para cima. Apresenta três sulcos na base. **Medidas totais máximas:** altura: 0,38 m; largura: 0,28 m; espessura: 0,20 m.

Bibliografia: HENRIQUES, CANINAS & CHAMBINO, 1993.



Estela nº 6

Descrição: fragmento de cabeceira de sepultura discoidal em granito. **Face 1:** cruz grega de braços rectos em baixo-relevo, delimitada por duas circunferências incisas. **Face 2:** cruz de braços curvilíneos em relevo, delimitado por cercadura. **Medidas totais máximas:** altura: 0,18 m; largura: 0,30 m; espessura: 0,14 m; diâmetro do disco: 0,30 m.

Bibliografia: HENRIQUES, CANINAS & CHAMBINO, 1993.



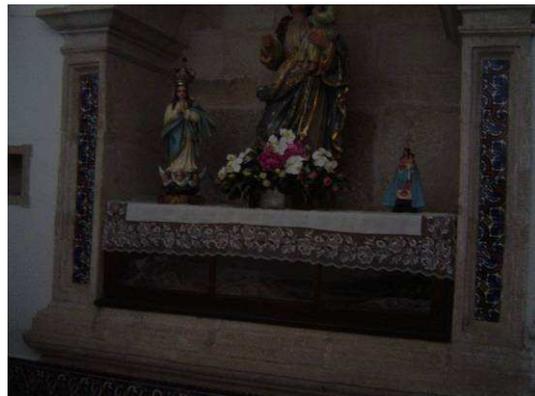
3. Outras peças funerárias

Embora sendo de tipologia diversa das anteriores e de época posterior, apresentam-se duas outras estelas também evocativas do rito da morte; uma tampa de sepultura, de época moderna (séc. XVII ou XVIII), de personalidade da elite local, e uma lápide indicativa do local onde ocorreu a morte acidental de um jovem de 14 anos, em Julho de 1958.

Tampa de sepultura

Descrição: Tampa de sepultura, já referida pelo Dr. Jaime Lopes Dias, ainda *in situ*. Encontra-se fracturada, faltando parte da imagem que apresenta um cordeiro com bandeira (simbolizando a figura de Cristo, o cordeiro de Deus) e faltando na totalidade o brasão referido por aquele autor. A inscrição está completa mas não foi possível a sua leitura por se encontrar caiada. Provavelmente, a tampa foi partida com o propósito de retirar o brasão. **Medidas totais máximas:** altura: 1,20 m; largura: 0,70 m; espessura: 0,18 m

Bibliografia: DIAS, 1963.



Estela comemorativa

Descrição: estela em xisto *in situ*, sinalizadora do local da morte de um adolescente por acidente. Decorada com cruz latina e dois corações, em baixo relevo. Possui ainda inscrição incisa, com o nome do morto, dos pais (em abreviatura) e a data do acidente. Gravura e inscrição pintada a tinta preta, onde se lê: “**AQUI FALECEU JOAQUIM CORREIA CARREIRO FILHO DE J. C. F. E DE A. C. A 10-7-1958, DE 14 – ANOS**”. Encontra-se *in situ*, junto a um muro, na berma do caminho da Fonte das Freiras e a cerca de 200 m desta, na direcção de Segura. **Medidas totais máximas:** altura: 0,50 m; largura: 0,45 m; espessura: 0,12 m.

Bibliografia: CHAMBINO, 2000.



4. Considerações Finais

As estelas discóides pertencem pois a várias épocas, embora o seu uso fosse generalizado na época medieval.

Segundo o Prof. Mário Jorge Barroca, os exemplares anteriores ao séc. XII parecem ser mais ou menos excepcionais, ocorrendo a generalização destas estelas funerárias apenas nos séculos XIII e XIV. A partir do século XVI o seu uso vai rareando, embora se continuem a registar ocorrências nos séculos posteriores (Mário Jorge Barroca citado em SOARES, 2005).

Não temos certezas quanto a uma cronologia mais precisa para as estelas discóides apresentadas. No entanto, comparando-as, a nível tipológico, com idênticas peças disponíveis na bibliografia consultada, cremos que as estelas do Rosmaninhal foram utilizadas como cabeceiras das sepulturas que teriam existido no adro da Igreja Matriz, entre o séc. XIII e o séc. XVI.

Bibliografia

ALEGRIA, António (2007). **As Estelas Medievais do Museu de Évora**, *Cenáculo*, 21 (Dezembro).

CARDOSO, Guilherme (2005). **Estelas medievais e modernas do Cadaval**, *Arqueologia do Cadaval*, 2, Museu Municipal do Cadaval.

CHAMBINO, Mário Lobato (2000). **Rosmaninhal. Lembranças de um mundo cheio...**, *Açafa*, 3, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

DIAS, Jaime Lopes Dias (1963). **Etnografia da Beira**, vol. 9, p. 243.

GUEDES, Jorge & COSTA, Luís (2003). **Cabeceiras de Sepulturas do adro da Igreja Matriz de Loures**, *Actas do VIII Congresso Internacional de Estelas Funerárias (16, 17 e 18 de Maio de 2005)*, in O Arqueólogo Português, suplemento 3, Museu Nacional de Arqueologia, p. 199-213, Lisboa.

HENRIQUES, Francisco, CANINAS, João & CHAMBINO, Mário (1993). **Carta Arqueológica do Tejo Internacional**, vol. 3, in *Preservação*, 14-16, Associação de Estudos do Alto Tejo, p. 80 (IN048-IN053).

SOARES, Nuno (2005). **Em busca das estelas perdidas**, in blog sobre Algodres, de 17 de Agosto de 2005, <http://algodres.blogs.sapo.pt/48791.html>

OLIVEIRA, Ana Cristina Oliveira (2003). **Cabeceiras de Sepultura do Concelho de Loures**, *Actas do VIII Congresso Internacional de Estelas Funerária (16, 17 e 18 de Maio de 2005)*, in O Arqueólogo Português, suplemento 3, Museu Nacional de Arqueologia, p. 215-242.